

RESENHA:

FRUGONI, Chiara. **A vida de um homem**: *Francisco de Assis*. Tradução Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Título original: *Vita di um uomo: Francesco d'Assisi* (1995)

Guilherme Howes Neto¹

Chiara Frugoni é historiadora medievalista, nascida em Pisa (1940), professora de História Medieval na Universidade de Roma II. O livro de Frugoni é um convite a sua leitura desde o princípio. Já no prefácio, Jacques Le Goff, também estudioso medievalista e autor de uma obra sobre Francisco, afirma que as páginas seguintes escritas pela autora revelarão uma personagem *se não realmente desconhecido, pelo menos mal conhecido*, que embora tenha inspirado inúmeras biografias a seu respeito, a de Frugoni detém-se no Francisco homem, *muito mais distante daqueles rostos tristes da espiritualidade monástica tradicional*, imerso em seu tempo, mostrado por inteiro, como ser humano e como santo, *com um estilo simples e límpido, muito franciscano*. Para Le Goff, no entanto, o vigor da obra encontra-se em seu valor histórico, descrevendo uma personagem visceralmente humano, porém reconhecidamente um santo, *nem descristianizado, nem dessacralizado*. No texto da autora *o santo e o homem são uma coisa só*, com suas fraquezas e vicissitudes.

No primeiro capítulo do texto, denominado *Infância e Juventude* (p. 15-30), a autora menciona a primeira biografia produzida sobre Francisco de Assis. Chama a atenção para o fato de que Tomás de Celano, biógrafo oficioso do Santo, encarregado pelo pontífice Gregório IX de aprontar uma história de vida de Francisco entre o período de sua morte, em meados de outubro de 1226, e sua cerimônia de canonização, em julho de 1228. Entretanto em sua referida biografia Tomás de Celano não narrou toda trajetória de vida de Francisco, mas apenas uma parte dela: sua segunda metade, já a de um jovem com cerca de 25 anos, então próximo de sua conversão. Dessa forma, *nada sabemos sobre o menino e o rapaz: podemos recolher aqui e ali os detalhes que o autor ou, depois dele, outros autores nos deixaram; (...) mas para esses primeiros anos temos de recorrer, vez por outra, a um grau razoável de imaginação*. Na tentativa de recolher, de juntar, de dar um nexos a estes fragmentos históricos é que a autora se aproxima dos chamados estudos culturais, de uma história cultural propriamente dita, onde as micro-narrativas, as peculiaridades, as especificidades, associadas a muita criatividade – e aí a imaginação – são por sua vez o fio

¹ Bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia, Especialista em História e Mestre em Ciências Sociais. Professor da Escola Estadual Bom conselho e do Centro Universitário Franciscano. E-mail: guilhermehowes@gmail.com

condutor, são aquilo que “liga”, que agrupa as ressonâncias, as derivações, os resíduos, enfim as informações e até mesmo os vestígios concretos deixados pelo tempo. Nesse ponto que Frugoni critica os primeiros autores que compuseram os primeiros relatos da vida de Francisco. É justamente pela escassez daquilo que chamamos hoje em História de fontes primárias, com qualidade e quantidade suficientes para serem exploradas, é que a autora se preocupa. Os primeiros biógrafos (Tomás de Celano, *Os Três companheiros*: Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo) talvez tenham criado um tanto demais. Tenham preenchido as lacunas do tempo efetivamente vivido por Francisco homem comum, com narrativas do que seria ideal que tivesse sido vivido e que se quisesse lembrar de um Francisco já então consagrado. Desse tempo, Frugoni remonta um Francisco imerso em seu espaço, um pequeno núcleo urbano bem no centro do que veio a constituir-se, tempos depois, a Itália. *Devia ser bom ficar ao ar livre e gozar, mesmo sem o saber, da paisagem em torno de Assis. O verde dos prados, dos bosques e dos olivais se mesclava no verão aos campos de trigo maduro, às manchas coloridas das flores*. E assim o texto mostra uma construção geo-histórica do lugar e do tempo em que Francisco nasce e cresce. Descreve um jovem Francisco lutando ao lado dos *homines populi*, compostos pela plebe e a nova e emergente burguesia mercantil; contra os *boni homines*, cavaleiros remanescentes e descendentes da nobreza feudal, vetusta e decadente. Depreende-se disso, um Francisco com então 17 anos de idade, lutando ao lado do povo, *conhecendo ao vivo – não mais apenas nas miniaturas coloridas – a violência e o horror das feridas e das mutilações, vendo a morte de amigos, crianças, homens e mulheres de sua Assis*. O texto acrescenta ainda que nesse processo de enfrentamento e de lutas, o jovem Francisco adquiriu técnicas e habilidades em erguer construções, tão úteis mais tarde em suas restaurações de igrejas e capelas em ruínas.

No segundo capítulo, denominado *O afastamento* (p. 31-52), mostra um Francisco já maduro, retornado das batalhas, desiludido dos sonhos de tornar-se cavaleiro. Apresenta um homem que aprendera a conhecer a dor dos outros, torna-se piedoso, multiplica as esmolas. Em um tempo e em um lugar em que não se usavam pratos para servir as refeições em porções individuais, Francisco dispunha sobre a mesa pães em número sempre superiores ao número de comensais, a fim de ter mais sobras para distribuir aos mais pobres. O pai, Pietro de Bernardone, rechaçava a atitude do filho, a Mãe, cujo nome não é consenso (Pica, Giovanna) aceitava as atitudes do filho. É nesse trecho do livro que se passa a antológica

passagem retratada tanto pela filmografia, quanto pela iconografia sobre Francisco, quando ele, afastando-se de uma vez por todas dos valores materiais, rompendo definitivamente com o pai, despe-se em público: *Entrou numa sala contígua, despiu-se completamente e assim, nu, com as roupas na mão e sobre elas o dinheiro, voltou à presença do pai e demais circunstâncias – até podemos imaginar a multidão de amigos e vizinhos prendendo a respiração ao acompanhar a cena*. Gesto esse imortalizado por Giotto di Bondone (1267-1337), em um dos afrescos contando a vida de Francisco de Assis, onde retratava o *afastamento irreversível de Francisco, que abandonava a família natural e passava para a família espiritual da Igreja*.

No terceiro capítulo, denominado *É isso que quero! É isso que peço!* (p. 53-76), Frugoni deixa claro que embora Francisco já tivesse claro sua vocação monástica, *mesmo fazendo do compromisso religioso a razão de sua vida, jamais pensou em se tornar padre ou monge; decidiu que não cruzaria a fronteira dos leigos e que trabalharia dentro desse espaço*. Isso porque Francisco tencionava viver seu compromisso religioso de forma diferente dos sacerdotes e dos monges. Chama a atenção nesse ponto o destaque que a autora dá a uma certa hostilidade de Francisco à ciência e à cultura letrada. Cabe mencionar aqui que Frugoni trata a questão de uma forma por vezes simplista. De acordo com o que Francisco escreve na carta a Santo Antônio (Fontes Franciscanas e Clarianas, p. 107), depreende-se que Francisco não era exatamente hostil ao conhecimento institucionalizado, não rechaçava o conhecimento em si, mas a soberba e opulência decorrentes do poder sobre o saber. A autora menciona ainda que ele defendia o despojamento completo e a pobreza total. *Além disso, ele temia o saber como fonte de soberba e domínio, que cria separação entre os irmãos, extingue a afeição e a caridade recíprocas*. Após converter-se, Francisco conclamava uma comunhão entre iguais, buscava companheiros para compartilhar uma existência cristã. Sem líderes, sem dogmas, sem uma ordem propriamente dita, *palavra totalmente ausente de seu vocabulário*. Relata que a biblioteca de Francisco é apenas sua memória, repugnava-lhe o dinheiro por consciente que era dos *estragos decorrentes da posse monetária, que extinguem todo o desejo de caridade em favor da cobiça e da avareza*. Porém, esclarece que a pobreza escolhida pelo personagem é resultado de sua escolha (a questão do desapego aos bens materiais), libertadora, voluntária, *que torna o homem espiritualmente imune à sede de domínio e posse, à violência, aos desejos que se impõe como necessidades, às obrigações da vida cotidiana*. O

cenário em que Frugoni insere Francisco e seus companheiros é o do *espaço aberto do mundo*, contrastando com outros comuns da vida monástica comum do medievo, onde a maioria dos religiosos, monges viviam *encerrados nos mosteiros* de onde não podiam sair, *sustentados pelas riquezas da comunidade*, uma vez que, para Francisco, os frades franciscanos se mantinham apenas com *o necessário para viver*, sem guardar sobras, na absoluta e irrestrita precariedade, confiando irrestritamente na Providência.

O quarto capítulo, denominado *Os companheiros, as primeiras regras* (p. 77-101), descreve a peregrinação a Roma por volta de 1209 ou 1210, movidos por um sentimento de reconhecimento formal e respeitável. O encontro com o pontífice Inocêncio III foi *tumultuado*, embora as versões que narram o acontecimento sejam bastante obscuras. A autora aponta que *embora as fontes oficiais tenham tentado abrandar o tom*, para alguns cardeais e para o próprio pontífice, os anseios de Francisco soavam um tanto estranhos, por vezes inexecutável, e em boa medida extrapolava as capacidades humanas. Após ter suas intenções rejeitadas pelos religiosos sob o pretexto de sua vida de privações injuriar o próprio Evangelho, *Francisco humildemente obedeceu e se afastou, mas foi chamado de volta no dia seguinte pelo servos do papa*. As fontes, principalmente são Boaventura, relatam que o pontífice tivera sonhado com uma palma crescendo aos pés de sua cama, *e por inspiração divina identificou-a com aquele pobre*. Juntamente com as primeiras menções sobre Clara, nesse capítulo a autora apresenta uma análise da iconografia (linguagem visual que representa temas em imagens) produzida logo depois e nos séculos seguintes, desde o medievo, passando pela renascença, como também na modernidade, sobre Francisco.

No capítulo 5, denominado *Damietta e Greccio* (p. 102-125), conta a grande expansão do número de frades, de seguidores, *crescia o número de seguidores, crescia a fama do pregador invocado abertamente como santo*, como também as viagens dos frades para lugares bem mais distantes de Assis: Alemanha, Hungria, Damietta (no Egito), Síria, Marrocos, Jerusalém, e por fim a autora narra o episódio no qual Francisco cria pela primeira vez uma representação do relato evangélico da Natividade, organizando um presépio vivo no Natal de 1223 no eremitério de Greccio.

No capítulo 6, *Os estigmas: descoberta autêntica, relato piedoso ou invenção ousada?* (p. 126-152), Frugoni discute o temor da Igreja diante da evidente expansão não só em vida,

mas sobretudo depois da morte de Francisco, da ordem franciscana. Expansão esta não suficientemente controlada, e tampouco desejada, mas em boa medida se dava pela comparação de Francisco com Cristo. Como Jesus, Francisco também recebera as chagas, materializadas em marcas corporais. A autora compara os relatos de são Boaventura e de Tomas de Celano, identificando a versão de Celano como *simples e coerente*, em outras palavras, bem mais fiel às evidências históricas. Já o relato de são Boaventura a autora considera bastante fantástico, evidenciando *uma operação política*. Posto assim, conclui que o segundo biógrafo *ofereceu finalmente aos pintores uma versão mais fácil de ilustrar*, por possuir ingredientes cênicos mais atrativos de serem representados pela iconografia.

No capítulo final *O adeus* (p. 153-166) a autora narra os anos finais da vida de Francisco. Menciona que seu personagem *sente que vai morrer, mas naturalmente não sabe quando; agora que a dor física ocupa grande parte de suas preocupações, precisa de coisas simples, mas às quais não quer renunciar*. Mostra Clara participando ativamente dos cuidados finais de Francisco. Não mensura o quanto, mas sugere que as irmãs e Clara cuidaram do enfermo, o que possibilitou *pensar que a doença teria concedido súbitas intimidades ou extensas conversas*. Mostra o momento e as circunstâncias da morte de Francisco. *Sentindo-se agonizar, o doente pediu para ser reconduzido ao local onde começara sua verdadeira vida, junto com os frades, na Porziuncola*. A reflexão final do livro se faz coincidentemente em seu último trecho. Em sua existência Francisco tanto exaltou a pobreza e rechaçou a ostentação, no entanto, da Poziuncola original e pobre do começo de sua vida, *conservou-se a minúscula igreja, mas perdida no interior da gigantesca Santa Maria degli Angeli, que se eleva sobre ela, engolfando-a nem a casa da vida nem a casa da morte, para onde o corpo do santo foi levado já em 1230, respeitaram a pobreza e a humildade de Francisco*.

Depois da leitura do texto resta no interlocutor a nítida impressão de ter conhecido um homem que antecipou os valores da renascença e que vieram se tornar ícones da modernidade e da contemporaneidade. A igualdade entre homens e mulheres, o respeito à natureza, aos animais e a preocupações com as diferenças e desigualdades sociais. É preciso, porém, bastante cautela ao vincular Francisco às noções e ideias da ecologia de hoje. Ele amava natureza por esta ser criação divina, mantinha com ela uma relação fraterna. Como se o ambiente natural compartilhasse consigo um mesmo nível de importância, pois todas as criaturas seriam, neste caso, emanações de Deus. Já o discurso ecológico contemporâneo é

bastante utilitarista e desarticulado da ideia religiosa e humanista de Francisco. No limite, pode-se pensar que a noção de respeito à natureza de hoje está assentada na noção de preservar o meio ambiente para poder habitá-lo agora e no futuro, e não pelo respeito à sua condição intrínseca, como queria Francisco. Como menciona Le Goff no prefácio do livro “o atual florescimento de obras sobre Francisco se alimenta de situações, paixões e problemas contemporâneos, isto é, ao dinheiro, à dor e às misérias do corpo, o agravamento repulsivo e ao mesmo tempo vitorioso dos processos de marginalização, o desejo de respeitar e integrar a natureza na sensibilidade humana.”

Recebido em 07 de maio de 2013
Aceito em 30 de maio de 2013